



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 470-493, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

## DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II<sup>1</sup>

### DIVERSITY AND LINGUISTIC VARIATION IN A MIDDLE SCHOOL PORTUGUESE TEXTBOOK

Joelinton Fernando de Freitas

#### RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo investigar como um livro didático de língua portuguesa, destinado ao ensino fundamental II de escolas públicas que aborda questões relacionadas à diversidade e variação linguística. O aporte teórico foi baseado na área da Sociolinguística Educacional e também nos documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e Base Nacional Comum Curricular. Os resultados mostram que o livro abordou estes conceitos, porém compreende-se que a diversidade e variação linguística não podem ser vistas como temas para serem trabalhados isoladamente, mas sim, no decorrer de todo o livro.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Livro Didático. Língua Portuguesa.

#### ABSTRACT

This research aimed to investigate how a Portuguese language textbook intended for middle education in public schools addresses issues related to linguistic diversity and variation. The theoretical contribution was based on the area of

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado para a disciplina de Diversidade e Variação Linguística no Mestrado Acadêmico em Letras, sob a orientação da Prof. Dra. Neusa Inês Phillipsen, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2020/02.

Educational Sociolinguistics and on official documents such as National Curriculum Parameters, National Curriculum Guidelines for Secondary Education and Common National Curriculum Base. The results show that the book addressed these concepts, but it is understood that diversity and linguistic variation cannot be seen as themes to be worked on in isolation, but rather, throughout the entire book.

**Keywords:** Sociolinguistics. Textbook. Portuguese Language.

Correspondência:

**Joelinton Fernando de Freitas.** Mestrando em Letras (Linguística Aplicada) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UNEMAT/Sinop e professor de língua inglesa pela mesma instituição. Faz parte do Grupo de estudos e pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística – GEPLIAS cadastrado no CNPQ. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [joelintonfreitas@gmail.com](mailto:joelintonfreitas@gmail.com)

Recebido em: 26 de maio de 2020.

Aprovado em: 29 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4016/2806>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua, assim como a sociedade, muda constantemente, e os usuários dessa língua adequam o seu uso conforme o meio em que estão inseridos, suas visões de mundo, crenças, cultura etc. Todas essas mudanças interferem no modo como cada cidadão faz uso dos recursos linguísticos disponíveis. É como afirma Cyranka (2016, p. 167) “O homem de hoje não é o mesmo de amanhã. Então a língua que ele fala vai também se modificando, num processo natural [...]”

Muitas vezes a escola preocupa-se em ensinar apenas uma variedade da língua, a chamada norma culta. Essa variedade é trabalhada na sala de aula com o intuito de homogeneizar a língua do nosso país, entretanto a sociedade brasileira constitui-se como uma sociedade marcada pela diversidade em vários âmbitos, dessa forma seria impossível pretender que a língua nacional seja padronizada.

Ainda há nas aulas de língua a noção de certo e errado o que, muitas vezes, faz com que os alunos se sintam retraídos em utilizar as variedades às quais estão expostos em seu ambiente familiar, de amigos, de trabalho, etc. É como se houvesse uma “pressão” das escolas para com os falantes de uma variedade

desprestigiada. Dessa forma, a disciplina de língua portuguesa nas escolas apresenta resultados baixíssimos, e os alunos são convencidos que não sabem português, a disciplina torna-se então um tormento para esses alunos. (CYRANKA, 2016).

A partir disso, surgiram as indagações desta pesquisa que tem como foco o livro didático (LD) de língua portuguesa. Afinal, o LD apresenta-se como uma das ferramentas mais acessíveis para os professores de língua tanto materna quanto estrangeira. Este estudo tem como finalidade apresentar se um livro didático destinado ao ensino fundamental II preocupa-se com questões de diversidade e variação linguística e como as aborda.

As perguntas de pesquisa são:

1 - O livro didático de língua portuguesa aborda questões de diversidade e variação linguística?

2 - A questão da variação mostra-se estigmatizada com foco apenas em falantes de uma determinada classe social ou região?

O aporte teórico está centrado em autores como Cyranka (2016), Bagno (2007), Costa (1996), Aragão (2010), Bortoni-Ricardo (2004-2005-2014), Bagno e Rangel (2005), Tilio (2008), além de documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 1998, 2006 e 2017 respectivamente.

O artigo se divide em seções. Na seção 2, há informações sobre questões de diversidade e variação linguística, sociolinguística educacional, livro didático de língua portuguesa e a língua portuguesa perante os documentos oficiais. Já na seção 3, apresenta-se o percurso metodológico com a natureza da pesquisa e os instrumentos de coletas de dados. Na seção 4, há a análise da unidade do LD escolhido, e, por fim, na seção 5, apresentam-se as reflexões e comentários finais sobre o estudo desenvolvido.

## **2 UM OLHAR SOCIOLINGUISTICO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

### **2.1 O fenômeno da diversidade e da variação linguística**

Compreende-se que a língua é viva e, portanto, está em constante mudança. Os falantes da língua portuguesa (LP), assim como de outras línguas estão a todo o momento empregando novos termos, léxico, expressões e mudanças de caráter fonético-fonológico, semântico, morfossintático, entre outras. Compreende-se também que a língua muda conforme as características de cada um desses falantes e das comunidades às quais eles se inserem.

Costa (1996) afirma que ao contrário do que muitos acreditam, a língua não é algo imutável que paira sobre os falantes. Pelo contrário, as línguas mudam no decorrer do tempo e o processo nunca para. Entretanto, segundo Bagno e Rangel (2005), é difícil fazer com que essa ideia de língua homogênea se desprenda do imaginário social, pois muito do que se considera como “correto” é o que se faz presente nos cânones da literatura e também nas gramáticas normativas. Ao voltar-se o olhar para a questão da variação e da diversidade, percebe-se que “a variação, quando reconhecida, é simplesmente sinônimo de 'erro'”. (BAGNO, RANGEL, 2005, p. 72).

Dessa forma, é como se as questões das variedades e da diversidade linguística do nosso país ainda não recebessem a devida atenção e não fossem exploradas da maneira correta na sala de aula. O Brasil é um país continental que abriga uma gama enorme de diversidade social e cultural, bem como linguística. Cada região apresenta suas características próprias que as torna diferente das outras, isso é nítido se levarmos em conta peculiaridades que caracterizam os indivíduos como sendo típicos de uma determinada região e não de outra. Todas as variações linguísticas carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro.

Entretanto, na maioria das vezes, toda essa diversidade não é explorada na sala de aula, lugar onde deveria ser debatida e apreciada. Muitos professores ainda baseiam sua prática pedagógica impondo o conceito de uma norma-padrão e excluindo todas as variedades. Bagno (2007) define essa norma-padrão como sendo um modelo idealizado e língua “correta”, de bem falar.

Bortoni-Ricardo (2014, p. 157) ainda enfatiza que: “[...] nenhuma língua ou variedade da língua deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida [...] toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática”. Ao afirmar isso,

a autora postula a ideia que as variações não devem sofrer menosprezo e nem serem apagadas no âmbito da sala de aula, justamente pela língua ser em sua essência variada. Essas variedades precisam ser mostradas, discutidas para que assim haja o respeito a todas as diferentes nuances da língua.

Há de se pensar em uma melhoria nas práticas linguísticas em sala de aula, pois o que ainda se vê é que as questões de diversidade e variação linguística são abordadas muito superficialmente. Bagno (2007, p. 29) afirma que: “o resultado disso é que a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida”.

A questão da variação linguística brasileira perpassa várias esferas, dentre as quais se destacam: a variação diatópica e a variação diastrática. A primeira caracteriza-se como as variações regionais. Essas variações regionais referem-se a diferentes posições geográficas de acordo com a cultura local. Já a segunda, refere-se a variações entre grupos sociais, dentre elas é possível citar gírias, expressões, jargões e, por exemplo, o falar “caipira”, apresenta-se como exemplo dessas variações.

Porém, na sala de aula, é como se houvesse o apagamento de toda essa diversidade, pois muito do que se espera dos alunos é a reprodução de algo que não faz parte do convívio social deles, a norma-padrão. Raros são os casos em que professores e alunos se debruçam sobre essas questões variacionistas e refletem sobre as peculiares da LP. Bortoni-Ricardo (2005) atesta que a escola não pode marginalizar essas diferenças sociolinguísticas, além disso, professores e alunos devem ser conscientes de que existem uma ou mais maneiras de dizer uma mesma coisa.

Nas palavras de Bagno e Rangel (2005, p. 73)

Espera-se, pois, uma educação linguística que ofereça estratégias para um tratamento da variação linguística que não se limite a fenômenos de prosódia (“sotaque”) ou de léxico (“aipim”, “mandioca”, “macaxeira”), mas que evidencie o fato de que a língua apresenta variação em todos os seus níveis, e que essa variação da língua está indissolúvelmente associada à variação social.

Dessa forma, espera-se que a escola não ignore a riqueza da diversidade e da variação linguística brasileira tentando impor regras e padrões estanques que

não fazem parte da maioria dos falares de diversas camadas da população. Nesse sentido, constata-se que

Os avançados estudos dialetológicos e sociolinguísticos têm mostrado quanto o conhecimento dessas variações pode ajudar num maior aprofundamento das análises linguísticas e no melhor conhecimento das línguas. Assim, a não utilização dessas variações no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa só pode dificultar e ao mesmo tempo atrasar esse ensino. (ARAGÃO, 2010, p. 36).

No próximo tópico, apresentam-se conceitos relacionados à sociolinguística educacional e os motivos pelos quais ela se faz tão importante nas questões da sala de aula.

## **2.2 A Sociolinguística educacional**

A sociolinguística aplicada à educação ou sociolinguística educacional surgiu com as pesquisas de Bortoni-Ricardo e com a publicação do livro: “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” (2004). Em seus estudos, essa autora defende que através do papel da sociolinguística é possível desenvolver práticas de linguagem significativas, isso se confirma neste trecho em que Bortoni-Ricardo afirma que:

[...] a tarefa da sociolinguística educacional não se esgota na descrição da variação e divulgação dos resultados obtidos [...]. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar importante. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Neste sentido, percebe-se que os resultados e pesquisas nessa área de conhecimento mostram que através da sociolinguística é possível contribuir para aperfeiçoar a qualidade do ensino da língua portuguesa, principalmente pelo fato de focar na realidade linguística dos usuários dessa língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros).

Conforme Bortoni-Ricardo (2009, p. 72):

Todo falante nativo de português, independentemente de sua posição no contínuo de urbanização e independentemente também do grau de monitoração estilística na produção de uma tarefa comunicativa, produz sentenças bem formadas, que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou.

Diante do exposto, Bortoni-Ricardo coloca em evidência que a variedade linguística está presente em todos os ambientes e camadas da sociedade, no entanto, percebe-se que algumas não têm o reconhecimento necessário e adequado, de forma que os falantes de algumas variedades acabam sendo vítimas de “preconceitos linguísticos”.

De acordo com Gomes (2011, p. 139), “se o aluno, ao abrir a boca, for criticado ou for motivo de risos, poderá ter grandes dificuldades para se expor na frente dos colegas novamente e poderá carregar estigmas para o resto da vida”. Dessa forma, é necessário que o professor de línguas tenha um olhar sensível para com os alunos e faça-os sentirem-se acolhidos na sala de aula, pois é preciso respeitar a variedade de língua do aluno.

### **2.3 O livro didático na sala de aula**

É inegável que o livro didático (doravante LD) tornou-se um dos principais instrumentos de apoio e insumo pedagógico em sala de aula. Algumas pesquisas vêm sendo realizadas sobre o LD, analisando os seus mais variados aspectos, tais como o pedagógico, o político, o econômico e o cultural. Estas pesquisas geram polêmicas, pois o LD trata-se de uma ferramenta que desperta olhares e opiniões distintas por parte de pesquisadores, professores e alunos.

No ensino de línguas, o LD parece obter um lugar de prestígio por fazer parte do processo de ensino e de aprendizagem de escolas públicas, particulares, de idiomas etc. Há professores que preferem utilizá-lo apenas como referencial no preparo de suas aulas sem segui-lo literalmente. Com isso, um ou mais LD são examinados para organizar as atividades de ensino. Segundo Xavier e Urió (2006, p. 30), ainda “há professores que não recorrem ao livro didático como material norteador, e dessa forma preferem produzir suas próprias atividades com base em textos de revistas e jornais ou em outros materiais [...]”.

No Brasil, os livros didáticos são realidade por conta do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) elaborado e coordenado pelo Ministério da Educação (MEC). O programa distribui gratuitamente livros para escolas públicas de todo o país. São contempladas todas as áreas de conhecimento e há um edital específico com regras a serem seguidas por autores e editoras que desejam concorrer à seleção. Após esse trâmite, os livros aprovados são disponibilizados para as escolas e os professores analisam quais se encaixam melhor, de acordo com a necessidade e a realidade de cada escola e de cada região, só após isso os livros são entregues e podem ser utilizados pelos alunos por três anos consecutivos.

#### **2.4 O ensino de língua portuguesa na sala de aula: o que dizem os documentos oficiais?**

Compreende-se que dominar a linguagem oral e a escrita é um aspecto fundamental para que o aluno participe efetivamente da sociedade. É por meio da linguagem que o indivíduo consegue se expressar, defender pontos de vista, argumentar e produzir conhecimento. É dever da escola fornecer um ensino linguístico de qualidade para que os alunos consigam se posicionar criticamente e fazer uso de plena participação social.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “a língua se caracteriza como um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (BRASIL, 1998, p. 22). Dessa forma, ao aprender uma língua, não se deve levar em conta o aprendizado apenas de palavras, mas também todos os significados culturais, bem como os modos pelos quais as pessoas do seu meio social compreendem a realidade e a si mesmas.

Como o Brasil é um país de dimensão continental dividido em 27 unidades federativas e mais de 8,5 milhões de km<sup>2</sup>, é certo que cada uma dessas regiões possui traços culturais muito característicos, além de influências de outros povos que são falantes de outras línguas. É natural, por conta de toda essa dimensão, a existência de um grande número de variedades linguísticas. Essas variedades, por sua vez, são trazidas à tona nos documentos oficiais, como PCN (1998) e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) (2006) voltados para o ensino de língua materna.

Por muito tempo o ensino de língua portuguesa foi ditador, impondo apenas uma maneira de se falar “corretamente”, porém os PCN advertem que:

[...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 26).

Os PCN nos instruem que a língua portuguesa não é uma língua “engessada”, a qual não pode sofrer variações. Embora o ensino no passado não demonstrasse isso, a língua é uma característica de uma sociedade que não permanece parada no tempo, mas que, evolui constantemente, sendo assim, os PCN ainda indicam que:

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades, aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (BRASIL, 1998, p. 35).

Diante disso, podemos perceber que os PCN defendem que os alunos já vêm para a sala de aula com uma bagagem linguística que deve ser explorada através do processo de ensino-aprendizagem da língua. Contudo, nota-se também que para o uso adequado dessa bagagem é preciso que exista a interação entre aluno, conhecimento e prática educacional do docente. Esse processo envolve diversas variáveis, sendo assim, o ensino não deve mais ser baseado apenas nos conhecimentos do professor, sendo ele o detentor do conhecimento, mas sim de uma interação entre todos os participantes, tanto aluno quanto professor.

Por ter esse viés de interação, as OCEM (2006) atestam que o papel da disciplina de língua portuguesa seria de possibilitar que o desenvolvimento da linguagem em diferentes situações nas quais ocorre interação, e afirmam que

abordagens interdisciplinares na sala de aula são indispensáveis. Além disso, as OCEM asseveram que:

[...] as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos. Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade. OCEM (2006, p. 28)

Ao averiguar o que dizem estes documentos, percebe-se que há um caminho que se trilha desde a elaboração dos PCN, em 1998, na busca pela melhoria do ensino de língua portuguesa com o intuito de fazer com que a diversidade e todas as variações não sejam excluídas, mas sim celebradas na sala de aula. Há uma busca constante em fazer com que o ensino da língua portuguesa seja emancipador, no sentido de fazer com que o aluno saiba se adequar aos diferentes meios nos quais se insere e utilize a língua adequadamente de acordo com esses meios.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), um dos documentos mais recentes que busca promover a equidade no ensino de todo o país desde a base, ou seja, da educação infantil até o ensino médio, compreende-se que o ensino da língua portuguesa olha para o que já foi proposto anteriormente por outros documentos, mas cabe atualmente “[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (BRASIL, 2017, p. 65-66).

Além disso, o próprio documento enfatiza a questão de se trabalhar com as variedades e a norma-padrão em contextos de prática de linguagem, ou seja, não podem ser trabalhadas como listas de conteúdos, mas sim “como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas”. (BRASIL, 2017, p. 132). A BNCC ainda afirma que “assume-se na língua portuguesa uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos”. (BRASIL, 2017, p. 137).

Nesse sentido, conforme as palavras de Pagnoncelli, compreende-se que:

[...] as práticas em sala de aula deverão estar alinhadas à realidade sociocultural e às necessidades dos alunos, pois um estudo voltado apenas à imanência do texto e às normas gramaticais desencadeará um desinteresse gradativo por parte desses alunos no que tange ao estudo da língua. Além disso, será necessário levar em conta os valores morais, ou seja, o respeito à “bagagem” que eles carregam reconhecendo os ambientes sociais dos quais fazem parte. (PAGNONCELLI, 2015, p. 69).

Diante disso, nota-se que o ensino da língua portuguesa na sala de aula é um fator muito importante e que pode melhorar ainda mais a educação no nosso país, tendo em vista que os documentos oficiais oferecem várias possibilidades de melhoria no ensino e na aprendizagem nas escolas, assim como, sugerem boas práticas de relacionamento aluno, professor e sociedade.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, a qual, nas palavras de Gil (2007), apresenta diversas vantagens de uso, pois com esse tipo de pesquisa é possível fazer uma cobertura de fenômenos muito mais ampla do que aquela que o pesquisador pesquisaria diretamente. Diferentemente da pesquisa quantitativa que se preocupa com dados numéricos e estatísticos, a pesquisa qualitativa busca compreender e analisar a realidade de um determinado fenômeno.

Nas palavras de Minayo (2001, p. 22), a pesquisa qualitativa busca responder questões muito particulares e “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Outrossim, Zanella (2013, p. 102) afirma que:

[...] numa pesquisa qualitativa, o processo de coleta de dados dá-se simultaneamente com a sua análise, o que a difere da pesquisa quantitativa, na qual, em um momento, os dados são coletados e, em outro, são analisados. Na qualitativa não existem dois momentos distintos, o processo é interativo, integrado.

Dessa forma, compreende-se que durante o processo da pesquisa qualitativa os momentos de análise e reflexão ocorrem não após, mas sim, durante todo o

processo, sofrendo mudanças de acordo com o objetivo que se almeja alcançar. Já como instrumento de coleta de dados, compreende-se, como os mais adequados para este trabalho, o documental e bibliográfico.

Parafraseando Fonseca (2002), compreende-se por pesquisa bibliográfica o levantamento de referências teóricas já publicadas. Além disso,

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Para além da coleta de dados bibliográficos entende-se o LD como um documento. Portanto, busca-se, a partir das afirmações de Tilio (2008), à reflexão de que o LD pode ser considerado um documento, pois está inserido em um contexto social e histórico. Do mesmo modo, conforme Ludke e André (1986, p. 39), “os documentos se constituem como uma poderosa fonte de evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador”. As autoras concebem ainda os documentos como uma fonte “natural” de informação, não sendo apenas uma fonte de informação contextualizada, mas que surge num determinado contexto e fornece informações sobre esse mesmo contexto.

Portanto, buscou-se elaborar perguntas com objetivos específicos para nortear os rumos da pesquisa. Então o presente estudo está pautado nos seguintes questionamentos:

1. O livro didático de língua portuguesa aborda questões de diversidade e variação linguística?
2. A questão da variação mostra-se estigmatizada com foco apenas em falantes de uma determinada classe social ou região?

Sendo assim, a pesquisa qualitativa e o instrumento de coleta de dados bibliográficos e documentais mostram-se como os mais eficazes para esclarecer os objetivos da presente pesquisa. No próximo tópico, apresentam-se algumas características do LD de língua portuguesa escolhido, além das unidades selecionadas para análise e reflexão, e análise dos dados coletados.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: O FOCO NO LIVRO DIDÁTICO**

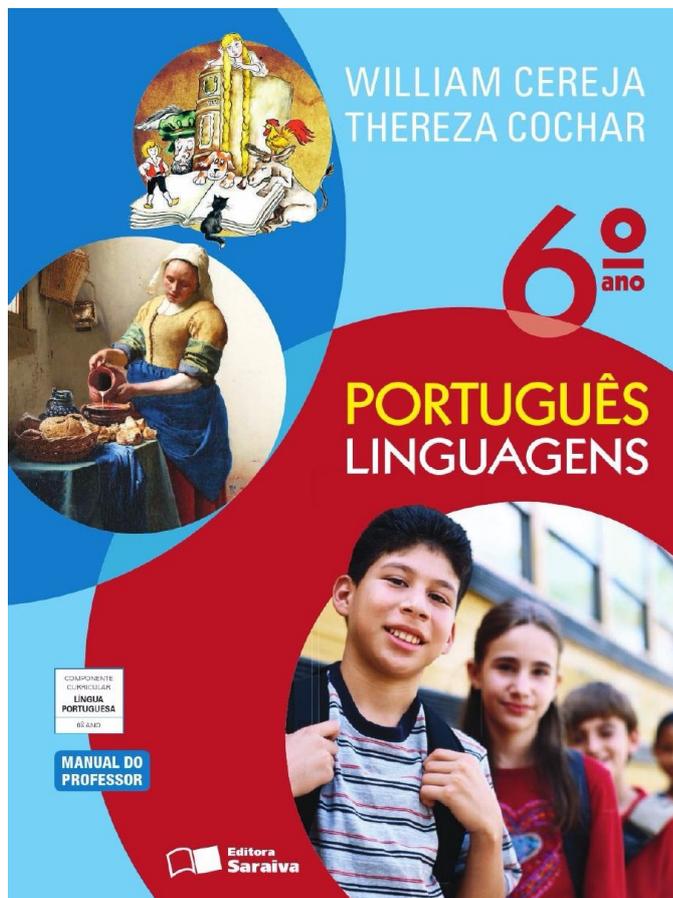
Alguns critérios foram elaborados para a escolha do material de análise, entre eles a aprovação dos livros pelo PNLD, organização responsável por aprovar ou não os livros que irão circular nas escolas brasileiras de educação básica. Além disso, um critério de seleção utilizado foi que o LD deveria ser do ensino fundamental II, mais precisamente do sexto ano, pois é o pontapé inicial para o amadurecimento do aluno e, conseqüentemente, para agir criticamente em situações comunicativas diversificadas.

É nesse momento de transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II que os alunos começam a despertar sua autonomia, pois, segundo o documento da BNCC, “a continuidade da formação para a autonomia se fortalece nesta etapa, na qual os jovens assumem maior protagonismo em práticas de linguagem realizadas dentro e fora da escola” (BRASIL, 2017, p. 134).

Além disso, os alunos já reconhecem gêneros variados que foram trabalhados anteriormente e, nesse momento, precisarão produzir gêneros específicos para várias áreas de conhecimento. Deste modo, Antunes (2003, p. 111) afirma que “[...] é nas questões de produção e compreensão de textos e de suas funções sociais que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua”.

Na figura abaixo, encontra-se a capa do livro escolhido como objeto desta pesquisa. O livro faz parte do PNLD para o triênio de 2017, 2018 e 2019. Os autores são William Cereja, que é professor de língua portuguesa e autor de mais de 30 obras didáticas de língua portuguesa, possui mestrado em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorado em Estudos da Linguagem e Análise do Discurso pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Thereza Cochar também assina a autoria do livro. É professora da rede pública de Araraquara, além de possuir mestrado em estudos literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara).

Figura 01- Livro didático: Português Linguagens 6º ano



Fonte: Pinterest (2019)

Compreende-se que a elaboração e qualidade dos livros didáticos avançaram no Brasil, principalmente pelo programa PNLD que a cada ano lança editais mais rigorosos e seleciona linguistas renomados para avaliarem as obras. Bagno (2007, p. 119) afirma que “o PNLD é uma instância privilegiada em que os resultados das pesquisas empreendidas em universidades exercem saudável influência na prática pedagógica”.

Ao analisar os capítulos do livro, percebe-se que os temas abordados circulam entre ensino de produção de textos, literatura e gramática. Há um tópico intitulado “A língua em foco” no qual os autores utilizam-se de gênero textuais diversos para tratar de temas específicos, bem como, tópicos gramaticais. Ao olhar para o capítulo dois, nota-se que o tema abordado é justamente questões de diversidade e variação linguística, e é neste capítulo que a pesquisa se debruça.

Figura 02 - Parte de uma unidade do LD Português Linguagens 6º ano

**A língua em foco**

**AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS**

**CONSTRUINDO O CONCEITO**

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
  - a) Que palavras causam estranhamento à mulher?
  - b) Como provavelmente ela diria essas palavras?
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
  - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
  - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 39

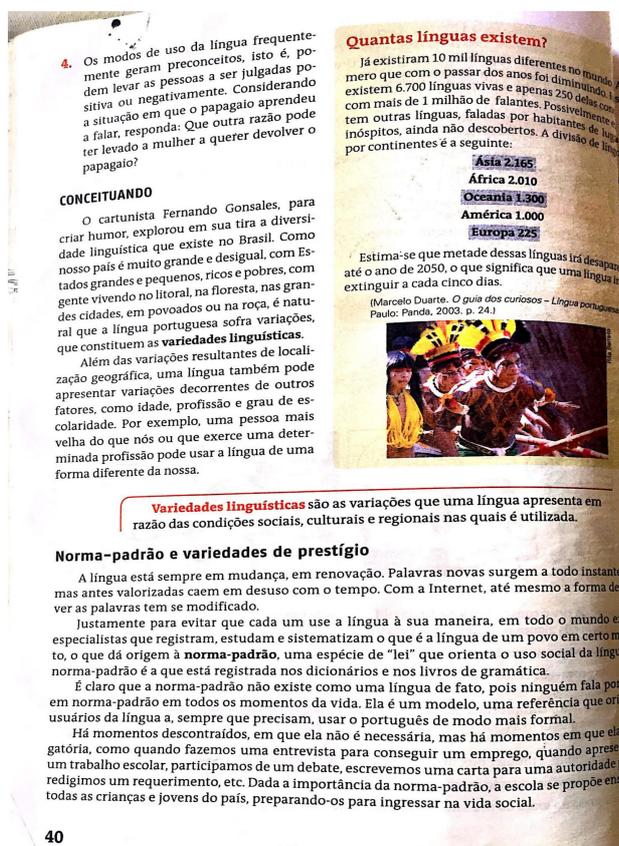
Ao fazer a leitura da tirinha, é possível inferir que rapidamente os alunos perceberão que a mulher julga o modo do papagaio falar como “errado” e, ao tentar devolvê-lo, compreende que o motivo disso é o fato do antigo dono falar do mesmo modo. Porém, os autores questionam nos exercícios de compreensão e leitura que a graça da tirinha estaria na fala do comerciante, fazendo com que os alunos compreendam que quem fala dessa maneira está falando de forma “engraçada”, ou seja, diferente da norma-padrão.

Nas figuras três e quatro, logo abaixo, nota-se que os autores buscaram trazer conceitos relacionados à variação linguística, diferenças de lugar ou região, escolaridade e classe social, diferenças históricas, dentre outras. Entretanto, Bagno (2007) afirma que o tratamento sobre variações linguísticas nos livros didáticos ainda é problemático, pois em muitas obras observa-se um esforço dos autores pelo combate ao preconceito linguístico, mas falta base teórica e muitas vezes termos são empregados de maneira errônea.

Nesse sentido, Lima (2016, p. 119) afirma que:

Por vezes, há uma coleção que dá mais ênfase à variação, ao passo que, por outro lado, outra coleção oferece menos destaque a esse tema. Entretanto, sendo um dos itens de avaliação do livro didático, é quase maciça a presença da variação linguística nos livros ou coleções analisadas. Isso, portanto, não traz nenhum mérito a essas obras, pois pode-se considerar que a inserção do tema não obedece a um critério científico ou social, mas sim um critério formal de avaliação.

Figura 03 - Parte de uma unidade do livro Português Linguagens 6º ano



Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 40

Há de se levar em conta o aspecto positivo dos autores abordarem em sua coleção, desde o volume que atende o sexto ano do ensino fundamental, aspectos ligados à variação e diversidade linguística. Dessa forma, desde cedo os alunos podem constatar que estão rodeados por diversos falares e que na escola podem dialogar e debater sobre isso. Outrossim, os alunos começam a se enxergar nesses exemplos e perceberem, com a ajuda do professor e do material didático, que não há mais o enfoque em certo e errado, mas sim em adequado e inadequado, de acordo com o contexto a que se está inserido.

É preciso que haja um repensar sobre a postura do professor, bem como dos materiais didáticos para o ensino de língua, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 38), “[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças”. Essa mudança pode ser potencializada pelos trechos que os autores trazem nos excertos.

Figura 04 - Parte de uma unidade do livro Português Linguagens 6º ano

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

**Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!**

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

**Norma-padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

**Variedades urbanas de prestígio**, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.

**Variação linguística e preconceito social**

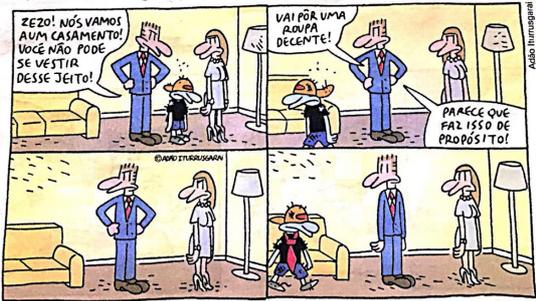
Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

**Falar bem é falar adequadamente**

Leia esta tira, de Adão Iturrugarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

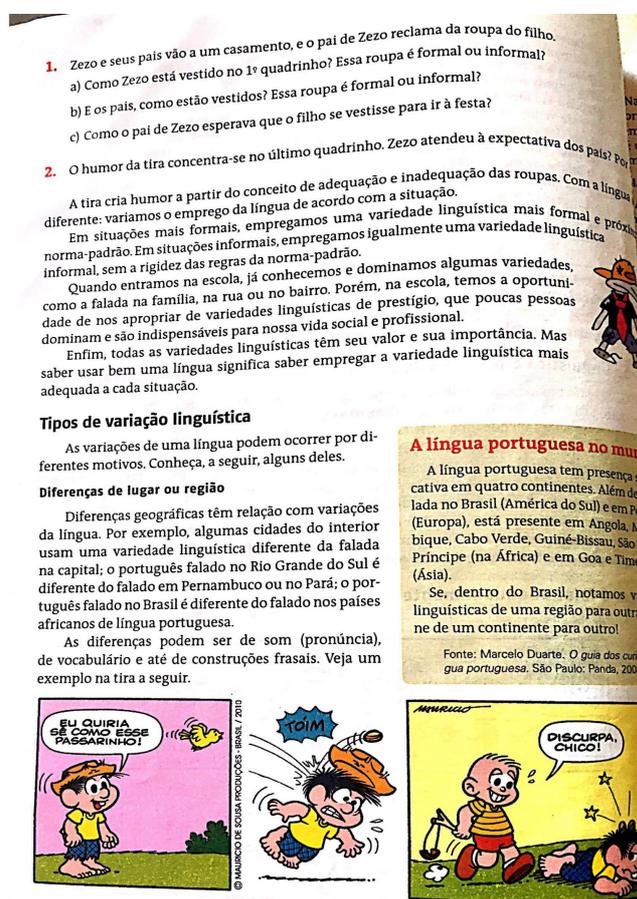
4:

Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 40.

A partir de uma reflexão sobre a figura acima, percebe-se que os autores conceituaram questões de variação e normas, e o fizeram de maneira adequada à

faixa etária dos alunos para que compreendam com maior facilidade, além de exemplos em gêneros textuais. Os alunos, quando chegam à escola, já sabem falar a língua portuguesa e já sabem se comunicar com razoável competência. As tarefas comunicativas mais casuais, ou seja, do dia a dia, são cumpridas pelos alunos de maneira natural, porém entende-se que é dever da escola mostrar a importância de se refletir sobre a língua materna, e compreender as diferentes nuances que ela apresenta.

Figura 05 - Parte de uma unidade do livro Português Linguagens 6º ano



Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 42.

Na maioria das vezes, os livros didáticos trazem aspectos sobre o falante rural e o falante urbano. O falante rural acaba sendo estigmatizado, principalmente, por seu modo de falar ser comparado ao personagem Chico Bento da Turma da Mônica. No entanto, Bagno (2007) aponta que na maior parte dos livros didáticos há

uma tendência em evidenciar sobre a variação linguística como sinônima de variedades regionais, rurais ou de pessoas que não possuem escolarização.

Por isso, é como se o personagem Chico Bento, assim como sambas de Adoniram Barbosa ou poemas de Patativa do Assaré fossem utilizados para representar uma linguagem “caipira”, porém, na maioria das vezes, os trechos extraídos dessas tirinhas, músicas e poemas não representam fielmente essa linguagem e em muitos casos o que ali aparece acontece também na realidade linguística urbana. Bagno (2007) ainda assente que não é viável transformar esse tipo de material para se trabalhar com variedade linguística, pois o autor não tem obrigação de representar fielmente as falas de seus personagens, haja vista que não seria possível, pois transcrições fonéticas deveriam ser empregadas e tornariam os textos inlegíveis.

Figura 06 - Parte de uma unidade do livro Português Linguagens 6º ano

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer “quiria” em vez de **queria** e “sê” em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de “discurpa” em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o l é trocado pelo r: “arto” (alto), “parmo” (palmo), “lençor” (lençol), etc.

**Escolaridade e classe social**

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta” é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

**Diferenças históricas**

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora  
Chora porque não tem  
Vintém.  
Menina que está na roda  
Parece uma toleirona,  
Bobona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

**O português na Ilha da Madeira**

O brasileiro que vai à ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

**abelhinha**: automóvel, táxi  
**à pata**: a pé  
**canalha**: conjunto de crianças  
**catchu**: bola de futebol  
**fazer ramelas**: fazer inveja  
**joeira**: papagaio, pipa  
**menino**: pessoa inteligente, esperta  
**penca**: nariz



Shawn Fortner/Robert Harding/Liaison/Corbis

Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

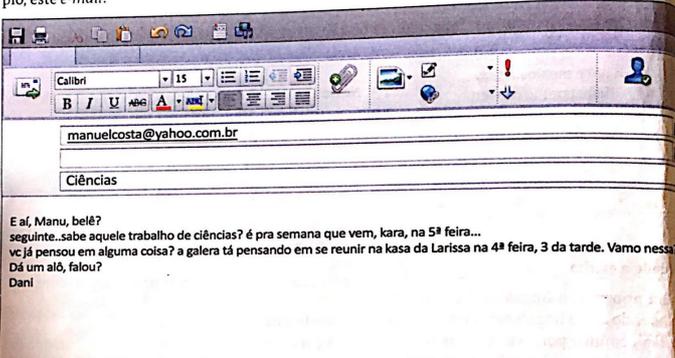
Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 43

Mais uma vez, a partir da leitura da figura acima, nota-se uma preocupação dos autores em abordar diversos tipos de variação e conceituá-los para os alunos, além de fazerem comparações entre o português brasileiro e o português de Portugal. É louvável que os autores trabalhem aspectos como estes em um LD, pois, nas palavras de Lima (2016, p, 118), “[...] estabelecer pontes com outros espaços, atuar de modo a valorizar o outro e respeitar as diferenças não é um discurso apenas de orientação para toda e qualquer disciplina”.

Figura 07 - Parte de uma unidade do livro Português Linguagens 6º ano

**Formalidade e informalidade: graus de monitoramento**

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargos ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofina safado, pra caramba, dia de cão, é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este e-mail:



A informalidade que se nota no e-mail se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu, belê, pra, tá**; no uso de gíria, servada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara e kasa**.

**A gíria**

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.

**Gírias antigas**

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

- bafafá:** confusão
- bicho:** forma de tratamento
- boko-moko:** pessoa que não sabe se comportar
- carango:** carro
- chuchu beleza:** bom, bem-feito
- cri-cri:** chato
- nos trinquês:** ótimo, certo
- plá:** conversa
- prafrentex:** avançado
- tá ruço:** está ruim

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.

Fonte: Livro Português Linguagens 6º ano, p. 44.

A partir da leitura da figura acima, nota-se também que os autores buscaram trazer para os alunos a questão das gírias, algo que, de fato, está extremamente

presente na vida desses estudantes. Mesmo sendo polêmica e amada por uns e odiada por outros, as gírias provam o movimento da nossa língua. Muitas gírias utilizadas há dez anos, por exemplo, não são mais utilizadas atualmente, pois certamente deixaram de cumprir sua função, sendo assim substituídas por novas palavras e expressões.

Há de se assentir que o LD em questão buscou trazer o conteúdo da diversidade e variação linguística aos alunos de anos iniciais do ensino fundamental de maneira bastante teórica, mas também prática. A partir de gêneros como tirinhas e textos que conceituam esses termos pode-se dizer que houve um esforço dos autores em mostrar aos estudantes as diferentes formas em que a língua se constitui e se apresenta, fazendo com que reflitam sobre os recursos linguísticos aos quais estão expostos e fazem uso.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa buscou investigar questões sobre diversidade e variação linguística em um LD de língua portuguesa destinado ao ensino fundamental II, mais precisamente ao sexto ano. Com a pesquisa, foi possível notar um esforço dos autores por buscarem trazer informações específicas e conceituarem termos como: norma-padrão, variedade linguísticas, oralidade e escrita, variedades de prestígio, tipos de variação, preconceito social e linguístico, entre outros.

Dessa forma, retomam-se as perguntas de pesquisa que foram: O livro didático de língua portuguesa aborda questões de diversidade e variação linguística? A questão da variação mostra-se estigmatizada com foco apenas em falantes de uma determinada classe social ou região?

As perguntas foram respondidas de maneira positiva, no entanto, percebe-se que em alguns exercícios de interpretação dos gêneros textuais abordados algumas perguntas ainda podem estigmatizar o falar “diferente” ou “engraçado” e fazer com que os alunos se sintam retraídos, pois muitos podem se identificar com esta forma de falar, a forma coloquial.

Lima (2016) afirma que é louvável que os livros didáticos de língua portuguesa estejam incorporando os temas da sociolinguística, porém alguns ainda os tratam de maneira superficial. Seria importante que o real motivo dessa

abordagem não fosse apenas por exigência do edital que avalia as coleções didáticas, mas sim pela importância do tema, “[...] trata-se de um tema que tem seu lugar na formação cultural e social do indivíduo, e, portanto, merece ser abordado com profundidade”. (LIMA, 2016, p. 130).

Com relação ao LD em questão, compreende-se que os autores foram felizes em trazer estes temas para dentro do livro, porém indica-se a necessidade de não os tratarem como um conteúdo que precisa ser abordado em apenas uma unidade. A diversidade e variação linguística não são conteúdos a serem cobrados dos alunos apenas em um dado momento, elas devem fazer parte do livro como um todo. Dessa forma, a presente pesquisa não se esgota aqui, pois, estudar estas questões em livros didáticos mostra-se como algo desafiador que pode provocar diferentes reflexões.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandré. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. **Graphos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/10907/6112> . Acesso em: 27 de nov. 2019.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf> Acesso em: 30 nov. 2019.

BITTENCOURT, Solange Torres. Livro didático de português: diagnóstico de uma realidade. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 4, p. 38-65, Dez. 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n4/n4a04.pdf> . Acesso em: 29 nov. 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit\\_e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf). Acesso em: 25 nov. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 12, p. 51-60, Dez. 1996. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40601996000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 27 nov. 2019.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Sociolinguística Aplicada à Educação. *In*: FERRARIZI JÚNIOR, Celso.; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. Curitiba: Ibpex, 2011.

LIMA, Richard José. Variação linguística e os livros didáticos de português. *In*: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAGNONCELLI, Claudia. Variação linguística em língua portuguesa: um estudo sobre o livro didático. **Revista I@el em (dis-)curso**, v. 7, p. 62-79, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revlael/article/view/23737/19735> . Acesso em: 28 nov. 2019.

TILIO, Rogério Casanovas. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 7, n. 26, p. 117-144, 2008.

XAVIER, R. P. URIO, E. D. W. O professor de inglês e o livro didático: que relação é essa? **Trab. Ling. Aplic**, Campinas, 45(1): 29-54, jan./jun. 2006.

*Revista Even. Pedagog.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade  
Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 470-493, ago./dez. 2020

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.